

## Troca de galhardetes poéticos entre Afonso Lopes Vieira e Alberto Osório de Castro

**Cristina Nobre\***

Se as relações de Afonso Lopes Vieira (1878-1946) foram, sobretudo, com os seus iguais, a consequência é que a frequência da Universidade de Coimbra e do curso de Direito, entre outubro de 1894 e 1900, lhe ofereceu a possibilidade de se tornar próximo ou amigo da elite que seguia ou tinha seguido idêntico percurso.

Alberto Osório de Castro tinha nascido em Coimbra, numa família ilustre de magistrados (o pai, João Baptista de Castro (1845-1920), foi companheiro de residência de Teófilo Braga e em 1911 julgou e aprovou o pedido de Carolina Beatriz Ângelo para ser incluída nas listas de recenseamento eleitoral; era irmão de Ana de Castro Osório). Embora tenha visto a luz 10 anos antes, em 1868, acabou por falecer em Lisboa, no mesmo ano que Lopes Vieira. É sabido que Osório de Castro fez no ultramar grande parte da sua carreira de magistrado e se tornou ministro da Justiça do governo de Sidónio Pais, por um curto espaço de tempo. Foi amigo de Camilo Pessanha e correspondia-se com Rúben Dario e Rémy de Gourmont. A ligação aos nomes de António Nobre, Eugénio de Castro ou Alberto de Oliveira, assim como certas revistas literárias de então, como *Boémia Nova*, *Os Insubmissos*, *Alma Nova*, mas também *Centauro* ou *Litoral*, acabam por aproximar estas duas figuras e desfazer a década geracional que as poderia ter distanciado.

Depois de ter passado por Goa e Angola, entre 1907 e 1911 foi Juiz de Direito em Dili (de 1909 é a publicação do seu livro *Flores de Coral*, claramente timorense) e é para lá que, em junho de 1910, Lopes Vieira envia um postal a Osório de Castro, com um poema para crianças – que julgo inédito e foi por amigos meus encontrado num alfarrabista, tendo-o feito chegar-me às mãos

---

\* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeiria



Afonso Lopes Vieira e Alberto Osório de Castro

– quando grande parte da obra para a infância estava a ser escrita, mas onde se pode antever a constante ligação à música.

Os primeiros livros destinados a um público infantil vão surgir num momento em que o desenvolvimento

do género, à semelhança do que se passava noutros países europeus, era visto como essencial a uma educação completa e satisfatória das crianças. Desde o início, nesta *arte para crianças* aparece inextricavelmente ligada a existência de um texto e as ilustrações que o servem, transformadas numa das maiores motivações para a leitura. Mais tarde, juntar-se-á ao texto e à imagem a música, aquilo a que Vieira da Natividade chamou “essa trindade bendita de poesia, desenho e musica, isto é do sentimento, da forma e da côr” (Natividade, [1912]: R, I: f. 78v.). *Animais Nossos Amigos* [ANA], poemas destinados às crianças, publicado pela primeira vez no Natal de 1911, foi amplamente saudado pela crítica contemporânea. Num registo dramático, seguiu-se *Bartolomeu Marinheiro* [BM], que vinha preencher um vazio educativo com “um pedaço de historia e de lenda posto em verso”, como dizia um crítico de então. A acrescentar ao êxito de BM e ANA, e por razões idênticas, temos o *Canto Infantil* [CI], ilustrado por Raul Lino e musicado por Tomás Borba, com uma 1.<sup>a</sup> ed. em 1912, uma 2.<sup>a</sup> em 1916 e uma 3.<sup>a</sup> em 1931. Este livro serviu uma série de gerações, como compêndio de aprendizagem das primeiras letras, e marcou um retorno à poesia das origens e do natural.

Em 1915, quando Lopes Vieira publica, numa cuidada edição, em papel nacional, com capa de Raul Lino, os treze poemas reunidos em *Poesias sobre as ‘Scenas Infantis’ de Schumann* [PSSIS] para interpretar poeticamente a música de piano da *opus 15*, nunca afirma tratar-se de um livro para crianças, e deixa-o bem expresso na epígrafe escolhida, da autoria do compositor: “As *Scenas Infantis* são recordações para as pessoas crescidas.” Parece-me que é exatamente uma ‘recordação para as pessoas crescidas’ que já são,

antecipadamente, os versos inéditos enviados a Osório de Castro, e talvez por isso tenham sido excluídos de ANA. A minha interpretação é que eles já apontavam para as recordações da infância que todos os adultos têm, como PSSIS mostrará até à excelência das récitas em que a declamação e a música se podiam combinar.

Transcrevo o poema inédito e depois tentarei aproximá-lo de alguns poemas de PSSIS, acreditando que o embrião produtivo de muitos poemas foi crescendo – nem sempre uniformemente – ao longo dos anos:

Senhor Dr.  
Alberto Osorio de Castro  
Timor – Dilli  
[Oceania]

### **As estrelas**

À hora a q as crianças adormecem,  
pela concha do ceu macio e brando,  
palpitando, as estrelas aparecem.

E semelham, no ceu limpido e lindo,  
presas no ar e rebrilhando acesas,  
pingos de lume n'agua refulgindo.

E recolhem as aves, escondendo  
na asa a cabecinha fatigada,  
cansada de ser livre, e já pendendo.

Dormem todos o mesmo sono brando,  
sonham todos o mesmo sonho lindo;  
todos sorrindo e doces respirando.

Mas as estrelas, pelos ceus suaves,  
Acendem nos seus olhos o cuidado;  
vigilam – p'ra q seja descansado  
o sono das crianças e das aves...



[frente do postal – imagem com fotografia do alpendre da Casa de S. Pedro, com o azulejo de 'Camões coroados de espinhos' e uma janela com o painel de azulejos de rosas e trigo, com algumas frases sobrepostas e manuscritas por Afonso Lopes Vieira]

Lembranças a Alberto Osorio de Castro  
Com muitos e cordias  
cumprimentos do camarada mtº admirador  
e grato amigo seu

Junho.10

Afonso Lopes Vieira

Parece-me claro que o sujeito poético instalado em “As Estrelas”, bem como o leitor ideal, não é uma criança, mas um adulto. O objeto ou tema da reflexão é o sono das crianças, comparando-as com as aves, e apresentando as estrelas como cuidadoras / veladoras desse descanso, que é simultaneamente um sonho e um sorriso. Do exterior, o adulto assiste – encantado – a uma cena idílica, romântica e ideal, num universo em que só o bem é concebido.

Há um poema de PSSIS, com grande analogia com este, intitulado “Rêverie / Entre-sonho”:

### “RÊVERIE” / ENTRE-SONHO

Em todos nós, lá bem no fundo, existe,  
na alma de agora, triste,  
perdida em névoas de distância  
– a memória da nossa infância.

Nos cantinhos do longe, que ternura!  
e que doçura vem  
de além...

Na sombra vaga do passado,  
entre a saudade e o seu olor,  
há um cadáver delicado  
que exala um aroma de flor.

Somos todos um anjo que morreu  
e que donde está, lá no céu,  
lembra através das brumas da distância  
a sua infância...

Nos cantinhos do longe, que ternura!  
e que doçura vem  
de além...

Neste poema – passados que foram 5 anos sobre o enviado ao amigo Alberto – a sombra da névoa instala-se sob a designação de ‘memória da infância’. A doçura, a ternura, o ‘aroma de flor’ pertencem a um passado da

infância que acabou; e que nem o adjetivo ‘delicado’ consegue aligeirar ao peso do soturno ‘cadáver’. O coletivo da identificação - (‘somos todos’) com ‘um anjo que morreu’ - entra em contraste forte com as estrelas que velam o sono das crianças e das aves, do poema inédito. Se no poema de 1910 pode existir uma interpretação a estabelecer uma analogia entre as estrelas celestiais e os adultos terrenos – que nos remete para a figura dos anjos protetores – no poema de 1915, ao anjo morto só restam as recordações da infância.

Daí que se compreenda a necessidade do poeta de continuara a escrever poemas infantis que são recordações da infância de todos os adultos, como faz em PSSIS:

### FALA O POETA

Nos grandes olhos das crianças vê-se  
o infinito em flor desabrochar!  
E rezo agora a minha prece.  
Falar de crianças é rezar.

Oh! pensar que elas hão de crescer  
e ser os homens dalgum dia!  
Pensar que toda esta alegria  
se enflora agora para mais não ser!

Mas que pena, meu Deus, que as crianças  
não fiquem toda a vida assim,  
enchendo a terra de risos e esp’ranças,  
florindo a nossa vida até ao fim!

Oh! pensar que elas hão de crescer,  
tudo nelas mudar quanto se vê,  
e que hão de, como nós, saber, sofrer,  
e ser homens – ser maus, que o mesmo é...

A noite cai, mal amanhece,  
o dia vai, p’ra não voltar...  
Nos grandes olhos das crianças vê-se  
o infinito em flor desabrochar!

Na Biblioteca Municipal de Leiria, entre os XIV volumes de “Correspondência e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira”, podem encontrar-se, no volume I, três missivas de Alberto Osório de Castro, então em Timor, dirigidas a Afonso Lopes Vieira, entre junho de 1910 e abril de 1911.

A primeira é do dia de S. João de 1910, breve, e deve tratar-se duma primeira reação agradável à receção do postal em questão, e resposta apressada a outras missivas de amizade que Lopes Vieira lhe enviara, como se pode deduzir de: “Mil agradecimentos pela sua carta, pelo seu retrato, pelo seu postal com tão lindos versos, pelo seu convite”. Osório de Castro faz referência a um volume de botânica que estaria escrito por essa altura e que pensava publicar – “Plantas Uteis da Ilha de Timor” – o que não veio a acontecer.

A segunda, de agosto de 1910, é mais demorada e mais lenta, e nela os elogios ao ‘Poeta amavel’ podem entender-se como o agradecimento de um consorte mais velho, mas longe de Portugal e sem possibilidades de influenciar a massa crítica de então. Lopes Vieira era reconhecido como *opinion maker*, capaz de influenciar críticos como Manuel de Sousa Pinto e enviar conselhos ao amigo sobre ofertas de livros, para que eles chegassem aos jornais da época, como se depreende das palavras de Osório de Castro. Desta vez faz explicitamente referência ao poema que transcrevemos e, curiosamente, refere-se a uma concha de Tridacna, que pode bem ser a que existe na capelinha dedicada a N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima, na casa de S. Pedro de Moel:

[...] Muito lindos, os seus versos As Estrelas, escritos no postal que me traz o painel do Martyr em São Pedro de Muel. Tem no jardim do seu ninho da praia, por certo, uma fontesinha rustica. Quer para ella uma grande concha de Tridacna? Veja numa Encyclopedia francesa Bénitier. Lá encontra a descrição d’essa pia de agua benta. [...]

Os gostos de Osório de Castro mostram a sua oscilação entre a botânica e a linguística, e oferece até ao amigo dois poemas / cantares, influenciados por recordações de visita à casa de S. Pedro de Moel e pela leitura da conferência de Lopes Vieira de 1910, *O Povo e os Poetas Portugueses*.

Muito curioso é o *post scriptum* com que a carta termina – “Não manda versos seus ao truculento Marinetti? Mande, mande.” – que talvez se refira ao vanguardista Marinetti, italiano, o que vem demonstrar como os dois amigos estavam em cima dos acontecimentos marcantes da sua época, embora também possa ser lido como uma ironia pelo italiano pretender cortar com a tra-

dição para chegar à inovação, enquanto o português poeta argumentava na conferência que quanto mais tradicional, mais inovador...

A terceira carta é de abril de 1911, e agradece o livro *Canções do Vento e do Sol*, de 1911, transformando-se, aos poucos, no confessional melancólico de alguém que se sente há muito distante do seu país e está ansioso por voltar.

Julgo que as trocas epistolares entre estes dois importantes vultos da nossa história literária têm ainda muito para ser revelado e é lamentável que nem todas as figuras tivessem organizado o seu acervo pessoal com a determinação que o fez Afonso Lopes Vieira. Assim, na Biblioteca Municipal de Leiria, continuam tesouros à espera de leitores com curiosidade, paciência e rigor para encontrar alguns dos múltiplos cruzamentos da cultura.

Acabo com a transcrição integral das cartas referidas, agradecendo a amabilidade e a partilha do **“Espólio literário de Afonso Lopes Vieira – Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira”**. As 3 imagens de rosto de cada uma das cartas foram, de igual modo, cedidas por esta Biblioteca. As 2 imagens do postal são do meu acervo pessoal.

Timor-Dilli, Labaar, dia de S. João, 1910

Meu querido e admirável Poeta

Estou-lhe reconhecidíssimo por tudo o que de amavel me deu a sua generosissimamente, a sua gentil e amavel alma encantadora.

Mil agradecimentos pela sua carta, pelo seu retrato, pelo seu postal com tão lindos versos, pelo seu convite. Tenho ainda deante de mim 2 annos e 6 meses no ultramar. Mas estarei em Portugal ainda antes de acabar o degredo. E sabe que minha mulher e eu estamos avós? É verdade. A minha filha, casada com um rapaz de Estremoz, Ruy de Sanches, teve uma pequenina. Que lindos os seus dois livros últimos! Mandou-me um em duplicado o Autor, mandei-o a meu filho Alberto que, des- / graçado d'elle, tem já a musica de fazer versos.

Muitas saudades, muitos agradecimentos por tudo e queira aceitar em soneto. O outro, em francês, não sei se tem grammatica. Mas dá-lhe uma paisagem de Timor. Não há dúvida que há por cá muitas phytons. Eu já tenho três em álcool para naturalistas amigos, e uma d'ellas matei-a sem querer, sentindo-a a enrodilhar-se-me a uma perna. Imagine que estou a publicar um li- /



1 João, m.  
Meu querido - admiravel  
Poeta  
Estou - Me recordeo a d'issimo por  
fudo o que de amavel me deu que  
merosimamente a tua gentileza  
amarello alma encantadora.  
Muitos agradecimentos pela tua carta,  
pelo teu retrato, pelo teu postel  
com tão lindos versos, pelo teu  
conselho. Tenho ainda de acorda  
de mim 2 annos e 6 mezes de  
ultramar. Mas estarei ainda  
em Portugal antes de acabar  
o degraço. E sabe que minha  
muller e eu estamos a vis? E'  
verdade. A minha filha, canda  
com um rapaz de Estremoz, Pray  
& Saudes, teve uma pequenita!  
Que lindos os seus dois livros  
firmas! Manda-me um em  
duplicado o outro. Me. O. i.

Fac-simile de parte da carta do dia de S. João, 1910

vro da botânica amavel: Plantas Uteis da Ilha de Timor!  
De todo o coração

Alberto Osório de Castro

Escrevo a toda a pressa, a mulla holandesa vae partir para Madagascar e  
Java.

Timor-Dilli, Iustitia, 5 agosto 1910

Senhor Affonso Lopes Vieira

Meu querido grande Poeta, coração amigo e fraternal,

A sua bondade é tão grande como o seu genio de artista, pairante, harmoniosa, clara e esvelta, como uma Graça de mármore. Que milagre de beleza moral deixou persistir no artista a bondade da primeira adolescencia? É um dos segredos do seu genio. E sabe? Estou agora a colleccionar os trechos dos Lusíadas que a alma heroica, a alma nietzscheana dos super-homens. Já Zarathustra falava pela boca de Camões. Como compreender um Luis de Camões invejoso, cheio de azedumes literários, sem confraternização, sem o encanto ingenuo / da bondade generosa e activa? Nunca esquecerei a encantadora bondade com que o meu querido Poeta procurou fazer falar de mim e do meu livro, na muda praça dos jornaes de Lisboa, interessar-se pela minha arte de degredado o fino e airoso de Manuel de Sousa e Pinto. Mando oje o meu livro a este tão compreensivo e talentoso critico, e espero também escrever-lhe, tendo já para elle copiada uma versalhada sem fim. Ter-lhe-á chegado às mãos o Soneto A Noviça, ao meu querido Poeta oferecido? Muito lindos, os seus versos As Estrelas, escritos no postal que me traz o painel do Martyr em São Pedro de Muel. Tem no jardim do seu ninho da praia, por certo, uma fontezinha rustica. Quer para ella uma grande concha de Tridacna? Veja numa Encyclopedia francesa Bénitier. Lá encontra a descrição d'essa pia de agua benta. Se / o cruzador que por aqui há de passar me levasse uma concha de Tridacna para V. Sr.<sup>a</sup>, outra, já prometida, ao Conde de Sabugosa! Vamos a ver. E gosta de semear flores do Equador? Quer que lhe leve uma d'aquellas orchideas primorosas de que fallo no meu livro, e que cheiram a mel sylvestre e a âmbar? Recolhi aqui uma linda palavra malaio-portuguesa, ou antes, do português de Timor, Estrimo. É o nome das contas de filigrana d'oiro que fecham os pequenos globos brumos da âmbar gris. As Mõnas e Monges da alta Insulindia fazem colheres de estrimos, de adorável aroma. Já arranjei uma d'estas contas, muito linda, por sinal. Que pena o meu querido Poeta não poder vir ver esta divina luz das Suadas e das Molucas.

Olha cá pelos Mares do Oriente

As infinitas ilhas espalhadas:

Vê Tidon e Tenerife co' o fervente

Cume, que lança as flammaz ondeadas;

As arvores verás do cravo ardente...

Que lindo, que lindo bosque de arvores do cravo

eu vi em Porto Weh, na costa do Achem!

Senhor Afonso Lopes Vieira  
Meu querido grande Poeta, Co  
meu amigo e fraternal.

A tua bondade e' tão grande  
como o teu génio de artista, pei  
cante, harmoniosa, clara e es  
velta, como uma graça de Mar  
more. Que milagre de belleza  
moral deixou persistir no artista  
a bondade da primeira adolescen  
cia! E' um dos segredos do seu génio.  
E sabe? Deban agora a colleccionar  
os trechos das diversidades que exem  
plificam a alma heroica, a  
alma nietzscheana dos super-ho  
mens. Já Zarathustra fallou  
pela bocca de Camões. Como  
compreender um direito Ci  
vile mais invejoso, cheio de ardeur

Fac-simile de parte da carta de 5 agosto 1910

Mas que saudades temos, minha mulher / e eu, da pequena casa Lusitana!  
Não faz ideia. Eu, dá-me vontade de lá escrever cantigas populares. Aqui  
está a última:

O amor é como o Sol  
Que ao nascer tudo alumia.  
Canta à noite o rouxinol  
Mas é saudade do dia.

Sobre a sua linda conferencia do D. Maria, escrevi este

Cantar d'Amigo

Ai flores, ai flores do rôxo rosmano  
Sei de um reino extranho eternamente em flor  
- Ai amor, e onde é? –  
Ai rosaes de rosas de todo o anno,  
Rosas d'esse reino não perdem a cor  
- Ai amor, e onde é? –  
Ai flores, ai flores do rosmaninho,  
Flores que alli brotam vivem só de ardor  
- Ai amor, e onde é? –  
São a eterna chama de mortal carinho  
São o eterno sonho de mortal amor.  
- Ai amor, e onde é? –

Aquelle proverbio do Sol, li-o no único jornal que leio, A Lucta.

Ahi lhe vão duas flores de camanga e uma flor de Henné (Lanvsonia alba) do Lamé com que já tiravam as moiras, e de que as damas egypcias e as Filhas de Jerusalem tiravam o suavíssimo perfume Hacophez.

Todo o reconhecimento, a admiração e a fraternal lembrança do

Alberto Osório de Castro

PS – Não manda versos seus ao truculento Marinetti? Mande, mande.

27 abril 1911

Meu querido e alto Poeta

Escapo d'um naufrágio no resplandecente estreito do Shangehagan, entre as Ilhas de Sunbava e de Flores, aqui me chegou como um cantante manto do Pinhal do Rei, e um divino sol de junho nas mattas da Beira Mar, o seu adorável livro do vento e do sol de Portugal. Deixa-me sempre que o leio uma doce tristeza de saudades, e uma apaixonada vontade de voltar. Voltar, para todo o sempre, voltar para a integração do meu ser no solo, no ar, nas aguas do nosso canto de terra amada.

Que loucura a minha, ter deixado aos bocados pelo mundo o veu das minhas lembranças, que nem para um sudário serve! Para quê, afinal gastar a minha atenção com orchideas exóticas, se por ahi florescem nos vallados orchideas raras, que imi- / tam vespas e abelhas. Feliz, inteiramente conformado com o seu destino de Poeta amorável, sensitivo e sensível, de Poeta máximo da sua

Meu querido - alto Costa  
Escapa d'um naufragio no resplan  
do ceu estreito do Sanghéang, entre  
as ilhas de Sumbawa e de Flores, a  
qui me chegou como um canto  
de vento do Pinhal do Kai, e um  
divino sol de juncos nos matos  
da Beira Mar, o seu adoravel li-  
vro do vento e do sol de Portugal.  
Deixa-me sempre que o lizo uma  
doce fruteira de saudades, e uma  
apixouada vontade de voltar?  
Voltar, para todo o sempre, vol-  
tar para a integraçao do meu ser  
no solo, no ar, nas aguas do  
meu canto de terra amada.  
Que loucura a minha, far deixado  
aos bocados pelo mundo o ven de  
minhas lembranças, que nem para  
um futuro serve! Para quê, a  
fim de castar a minha afluência

Fac-simile de parte da carta de 27 abril 1911

gente portuguesa, é o meu querido Afonso Lopes Vieira, envolto no doce sol do seu sonho de português, na musica e o resinoso perfume das sombras do seu pinhal das armadas e das descobertas.

Fugirei. Para a Guiné, para o Congo, para Mumbaca, seja para onde for, contanto que ponha a proa do meu barco contra a terra da pátria. E para dificultar arrancarem-me de lá depois, ao menos para muito tempo e para muito longe. E se me voltar por acaso a esmorecida tentação de ficar, abrirei

o seu livro lindo, e logo me hão de chamar as vozes daquelas sereias da nossa costa, que os antigos tantas vezes viam, ao lume da maré, cantando ou docemente agonizando. Tudo o que de suavidade envolve a terra e a alma portuguesa, tudo se reflecte no seu livro, se espelha, murmura, e emana. É uma / fontinha, um florir de lilases, de madressilvas, de macieiras, de vinha, de olival, a alfombra outoniça dos soitos, o musgo dos granitos, as perlas das camarinhas, as aguas da rega, as Ave-Marias, o aroma do zimbardo na exalação das lagoas, a saphira das rias, o longínquo sussurro da praia...

Mas é Portugal todo que brilha na minha memoria, a Beira Alta n'um inverno de crystal ou nas roseas urgueiras de sua primavera, a Beira Mar azulada, luminosa e ressonante, as suas montanhas, os seus rios, as suas vindimas, as suas claras noites de fogueiras e descantos...

Meu querido e alto Poeta – o seu livro é Portugal, a gemer, a cantar, a chorar, a rir, a embalar, e o riso honesto das suas mulheres, e toda a infância já namorada das suas creanças.

O seu livro far-me-ia morrer de saudades, se eu fosse um degredado com uma longínqua esperança de regresso perdida n'um sertão habitado pelos leões.

Assim faz-me apenas uma melancolia / inquieta de quem d'um momento para o outro verá chegar o paquete do regresso ansioso.

Ou eu ou minha mulher sempre, à noite, ao acender da luz, folheamos o seu livro. E ficamos a scismar com a terra onde estão os filhos. Muito obrigada [?] de dois. A mesma mala me trouxe o belo livro de Manuel de Sousa Pinto. Esse então vem lembrar que o Brasil é d'ouro e vermelho, e que é uma pena morrer a gente morrer sem o ver, com as suas florestas incendiadas pelos vagalumes, no alto silencio constelado da noite austral.

Não, é ao seu livro que eu vou procurar a suprema serenidade [com que] tenho escrito versos. Mas já quero que me prenda mais o sortilégio nacarado da terra malaia.

De todo o coração

Sou

Muito fervorosamente, religiosamente, de todo o amor da arte seu

Alberto Osório de Castro